

## A LOGOTERAPIA E SUAS RELAÇÕES COM OS CUIDADOS DE ENFERMAGEM EM SAÚDE MENTAL

*THE LOGOTHERAPY AND IT'S RELATIONS WITH NURSING CARE IN MENTAL HEALTH*

*LA LOGOTERAPIA Y SUS RELACIONES CON LAS ATENCIONES DE ENFERMERÍA EN SALUD MENTAL*

MICHELL ÂNGELO MARQUES ARAÚJO<sup>1</sup>

KARLA DE ABREU PEIXOTO MOREIRA<sup>2</sup>

LIA CARNEIRO SILVEIRA<sup>3</sup>

VIOLANTE AUGUSTA BATISTA BRAGA<sup>4</sup>

*A enfermagem psiquiátrica tem se caracterizado desde seu surgimento, como agente perpetuador do modelo manicomial. Com o advento da Reforma Psiquiátrica o enfermeiro junto com outros profissionais de saúde mental, questiona-se e busca novos paradigmas condizentes com os princípios dessa reforma. Algumas indagações surgem: Em que se baseiam os enfermeiros, para assistir seus pacientes? E que estratégias devem utilizar? Esse estudo tem como objetivo refletir sobre a utilização da Logoterapia como recurso terapêutico do enfermeiro em saúde mental. O trabalho foi desenvolvido em quatro eixos temáticos: primeiro a apresentação da logoterapia e seus princípios fundamentais; o segundo a análise existencial e sua maneira de ver o homem e seus processos; o terceiro as técnicas logoterapêuticas e no quarto a logoterapia e a prática de enfermagem em saúde mental. Percebe-se que o enfermeiro pode utilizar a logoterapia como recurso em saúde mental, pois suas técnicas mostram-se adequadas para potencializar a relação enfermeiro-paciente.*

**PALAVRAS-CHAVE:** Psicoterapia, Enfermagem psiquiátrica; Cuidados de enfermagem; Saúde Mental.

*The psychiatric nursing has been characterized since its uprising as a perpetuating agent of the manicomial model. With the arrival of Psychiatric Reform the nurse along with other professionals of mental health, question and search for new paradigms related with the principles of this reform. Some questions come out: In what are nurses based to assist their patients? And which strategies must they use? This study has as objective to reflect on the use of Logo therapy as therapeutic resource of nurse in mental health. The work was developed in four thematic axis: the first one is the presentation of logo therapy and its basic principles; the second one the existential analysis and its way to see the man and his processes; the third one the logo therapeutics techniques and fourth one the logo therapy and nursing practice in mental health. It is noticed that the nurse can use the logo therapy as resource in mental health; its techniques are shown to be appropriate to increase the nurse-patient relationship.*

**KEYWORDS:** Psychotherapy, Psychiatric nursing; Nursing care; Mental health.

*La enfermería psiquiátrica se ha caracterizado desde su surgimiento como agente perpetuo del modelo de manicomio. Con el advenimiento de la Reforma Psiquiátrica, el enfermero junto a otros profesionales de salud mental se cuestiona y busca nuevos paradigmas condcentes con los principios de esa reforma. Algunas indagaciones surgen: ¿En que se basan los enfermeros para atender sus pacientes? ¿Y, qué estrategias deben utilizar? Ese asunto lleva a reflexionar sobre el uso de la Logoterapia como recurso terapéutico del enfermero en salud mental. El trabajo fue desarrollado en cuatro ejes temáticos: el primero, la presentación de la logoterapia y sus principios fundamentales; el segundo, el análisis existencial y su manera de ver al hombre y sus procesos; el tercero, las técnicas logo- terapéuticas y la cuarta, la logoterapia y la práctica de enfermería en salud mental. Se percibe que el enfermero puede utilizar la logoterapia como recurso en la salud mental, pues sus técnicas se revelan adecuadas para potenciar la relación enfermero y paciente.*

**PALABRAS CLAVE:** Psicoterapia; Enfermería psiquiátrica; Atención de enfermería; Salud Mental.

<sup>1</sup> Enfermeiro. Mestre em Cuidados Clínicos em Saúde pela Universidade Estadual do Ceará. Docente da Faculdade Católica Rainha do Sertão-Quixadá, Ceará. E-mail: micenf@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Enfermeira. Mestre em Cuidados Clínicos em Saúde pela Universidade Estadual do Ceará. Docente da Faculdade Metropolitana de Fortaleza. E-mail: karlapeixoto@hotmail.com

<sup>3</sup> Enfermeira. Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal do Ceará. Docente da Universidade Estadual do Ceará. E-mail: silveiralia@gmail.com

<sup>4</sup> Enfermeira. Doutora em Enfermagem pela Universidade de São Paulo. Docente da Universidade Federal do Ceará. E-mail: vivi@ufc.br

## INTRODUÇÃO

A Enfermagem Psiquiátrica desde seu surgimento vem ancorando sua prática nos saberes psiquiátrico e psicológico, pautando sua concepção de loucura a partir da abordagem que toma para si. Quando o referencial adotado gira exclusivamente em torno do modelo biomédico, centrado na figura do psiquiatra, percebe-se que o papel do enfermeiro é reduzido ao mero cumprimento de ordens, ou pior, o constitui como agente perpetuador das tecnologias disciplinares, a saber: vigiar; controlar e punir<sup>1</sup>.

Neste modelo pouca ou nenhuma função terapêutica é exercida pelo enfermeiro, que ao desempenhar o papel atribuído, não por si ou por sua classe, mas pela instituição a que pertence, reafirma e compactua com a postura excludente e desumana de lidar com a pessoa em sofrimento psíquico.

Ao repensar sua prática o enfermeiro se junta a outros profissionais de saúde mental que, motivados pelos diversos movimentos de reforma psiquiátrica ocorridos no mundo, propõem o fim deste modelo e sua substituição por um novo, onde o foco seja realmente a existência-sofrimento do sujeito, considerando tanto os aspectos psicossociais quanto a dimensão subjetiva<sup>2</sup>.

A mudança desse paradigma obriga o enfermeiro não só a repensar sua prática, mas elaborar estratégias para assistir de forma adequada às pessoas sob seus cuidados, passando de uma ação de controle a uma ação terapêutica. Para isso vem produzindo saberes e tecnologias que possam auxiliá-lo no desempenho de suas novas atribuições<sup>3</sup>.

Um dos importantes meios que o enfermeiro tem para desempenhar sua assistência é o relacionamento terapêutico enfermeiro – paciente, que tem por objetivo ajudar o indivíduo a enfrentar e superar suas dificuldades, saindo de seu sofrimento psíquico. Outra estratégia que o enfermeiro pode adotar para desempenhar sua função terapêutica é por meio da abordagem grupal nas suas diversas modalidades, onde assume o papel de coordenador, facilitador, moderador e instigador dos processos grupais<sup>3,4</sup>.

É de fundamental importância que o enfermeiro perceba que sua ação não deve limitar-se na relação com o paciente, mas deve compreender as multifacetadas do sofrimento psíquico o que exige intervenções nos âmbitos social, cultural, político e econômico, portanto, sua atuação ocorre na família, na comunidade e nas instituições em geral<sup>5</sup>.

Ao avaliar e refletir sobre nossa prática como enfermeiros psiquiátricos e de saúde mental, desenvolvendo nossos atendimentos individuais (relacionamento terapêutico) e coletivos (grupos) constatamos que muitos pacientes referem falta de sentido na vida ou questionam-se acerca de sua vida, de sua morte e do seu sofrimento. Passamos desde então a tentar compreender e buscar meios para ajudá-los a encontrar o sentido de suas vidas, mas nos faltava um referencial teórico em que pudéssemos basear nossa assistência.

Na busca por esse referencial, entramos em contato com a 3ª Escola Vienense de Psicoterapia, conhecida como Logoterapia, cujo criador é Victor Emil Frankl, neurologista e psiquiatra austríaco que viveu a dura realidade dos campos de concentração nazista e de onde pôde avaliar todas as suas teorias sobre o homem e sobre o sentido que ele atribui à vida<sup>6</sup>. Ao ter nosso primeiro contato com a Logoterapia, que vem do termo *Logo* – sentido ou espírito, portanto, terapia do sentido ou do espírito, ficamos entusiasmados com a descoberta, pois era exatamente aquilo que procurávamos. Entretanto, logo nos deparamos com uma dificuldade: como utilizar esse referencial em nossa prática como enfermeiros, sem que viesse a perder nossa identidade profissional e como adequar o referencial à assistência de enfermagem que nos propomos realizar?

Tentar responder a tais questionamentos nos motivou, após estudar o referencial teórico, a escrever sobre Logoterapia e a inter-relação que tem com a prática do enfermeiro psiquiátrico e de saúde mental.

Sendo assim, objetivamos com este estudo refletir sobre a utilização da Logoterapia como recurso terapêutico do enfermeiro em saúde mental.

Todas as reflexões são baseadas na articulação entre a escola psicoterapêutica de Viktor E. Frankl e a assistência de enfermagem em saúde mental. O trabalho foi

desenvolvido em quatro eixos temáticos: primeiro a apresentação da logoterapia e seus princípios fundamentais; o segundo a análise existencial e sua maneira de ver o homem e seus processos; o terceiro a logoterapia e a prática de enfermagem em saúde mental. As considerações finais são pertinentes às reflexões extraídas do encontro desses dois objetos.

## CONCEITOS GERAIS DA LOGOTERAPIA

A Logoterapia é conhecida como a 3ª Escola Vienense de Psicoterapia, precedida pela 1ª Escola (Psicanálise Freudiana) e a 2ª Escola (Psicologia Individual Adleriana), tendo como criador Viktor Emil Frankl, neurologista e psiquiatra austríaco, discípulo de Freud e Adler, que rompeu com os dois ao combater suas concepções sobre o homem. Ele o entendia como ser incondicionado, livre para decidir e se responsabilizar por suas escolhas apesar de diversos fatores que as influenciariam. Assim nasce a Logoterapia que significa psicoterapia por meio do sentido da vida, ou a partir do espiritual<sup>6</sup>.

Nenhuma outra escola passou pelo duro laboratório dos campos de concentração, onde seu criador pôde avaliar e comprovar suas principais afirmações sobre o homem, vivendo ele mesmo, três anos nos campos de Turklein, Theresienstad, Haufering e Auschwitz como prisioneiro, sentindo a perda das pessoas mais importantes de sua vida, seus pais, irmãos e sua esposa<sup>6</sup>.

Sua proposta é ampla, pois se aplica a qualquer pessoa, seja ela doente ou sadia, jovem ou velha e nas mais diferentes situações na vida. Pretende favorecer o encontro do indivíduo com uma vida plena de sentido, incluindo aspectos filosóficos, biológicos, pedagógicos, psicoterapêuticos, psiquiátricos e espirituais. Está caracterizada como verdadeira síntese que integra o homem e sua missão no mundo<sup>7</sup>.

Frankl não tinha a pretensão de substituir nenhuma proposta psicológica. Sua proposição apresenta-se como alternativa ou parte complementar na clínica atual. Também não é a solução derradeira para os problemas do homem, mas uma tentativa de ajudar às pessoas a encontrarem o sentido para suas vidas, incentivando-as a encon-

trar o “para quê” viver. Não pretende, portanto, inventar ocupações ou criar um sentido artificial. Para ele a vida já tem um sentido, falta cada um desvendá-lo.

O sentido da vida, deste modo, pode ser encontrado por meio de algo que pode ser feito ou produzido, algo que pode ser vivenciado e amado ou ainda por meio de atitudes e firmeza frente às situações de dor, culpa e morte<sup>8</sup>.

Um ponto a se destacar é que a Logoterapia considera a dimensão noética ou espiritual, que não devemos confundir com religiosidade. Frankl considera que o homem tem uma espiritualidade inconsciente, comprovada em seus companheiros na prisão, que no meio do sofrimento intenso, demonstravam fé, uma esperança no futuro, a crença em Deus e que tudo isso culminava no encontro do sentido da vida<sup>9</sup>.

Surge na angústia uma luz alentadora que parecia não existir, mas que brota e evita que o homem sucumba. Isto é o que podemos chamar de dimensão noética, parte incorruptível, pois ainda que o sofrimento e a doença sejam demasiadamente grandes, ainda assim podemos encontrar esta parte lúcida ou instância que não é atingida pelas dificuldades.

A Logoterapia é uma forma de psicoterapia que compreende o homem como um ser chamado à liberdade, à responsabilidade pessoal, a dar uma resposta para a vida e a descobrir o sentido que ela tem, mesmo se deparando com sua transitoriedade, o isolamento existencial e a falta do sentido<sup>8</sup>.

Compreendendo o homem como ser além de biológico e psicológico, como espiritual, surgem conflitos morais, éticos ou espirituais que não podem ser confundidos com problemas mentais, mas antes como problema noogênico, palavra derivada do grego *nous*, que quer dizer do espírito. No uso de sua consciência a pessoa dá expressão a sua liberdade e, por conseguinte, assume uma postura responsável frente à vida. Esta tríade (consciência, liberdade e responsabilidade) é própria da dimensão espiritual não afetada por nenhuma doença. Portanto, o indivíduo, mesmo afetado em suas outras dimensões, tem sua integridade espiritual assegurada, podendo mesmo nestas condições decidir-se pelo seu sentido único na vida<sup>10</sup>.

A Logoterapia, além dessas concepções, desenvolveu cinco técnicas psicológicas que posteriormente foram utilizadas pelas mais diversas escolas psicoterapêuticas. Essas técnicas são: a intenção paradoxal; a derreflexão; a apelação; o denominador comum e o diálogo socrático.

Foram desenvolvidos ainda dois importantes testes psicológicos, destinados a medir os níveis de frustração existencial e outros aspectos importantes do sentido da vida, são eles: o Logoteste e o PIL (*Purpose in Life Test*)<sup>8</sup>.

Para a Logoterapia a questão especialmente importante é o sentido da vida, o “para quê” viver é ponto fundamental da existência e a doença mental é compreendida como vazio existencial ou falta de um referencial de vida, não externo à pessoa, mas interno, partindo do poder de fazer escolhas e de ser livre.

## A ANÁLISE EXISTENCIAL FRANKLIANA

A análise existencial vai além do esclarecimento do ser, ousa avançar para o esclarecimento do sentido, desloca-se das realidades do ser na direção de possibilidades de sentido. A análise existencial frankliana não se detém nas estruturas biológicas e psicológicas como Freud e Adler, mas procura captar o essencial do que é humano, tornando-o fecundo para a terapia, orientando-se pelo espiritual em duplo sentido, a saber: o objetivo (o Logos) e o subjetivo (a ex-sistência)<sup>11</sup>.

A Logoterapia nada mais é que a implementação prática da análise existencial. É importante diferenciarmos esses termos: a Logoterapia é um método curativo psicoterapêutico, enquanto que a Análise existencial representa uma direção de investigação antropológica<sup>12</sup>.

A análise existencial faz referência direta a um modo de ver o ser humano que está no mundo, dentro de um contexto histórico social concreto, constitui-se um fundamento intelectual imprescindível.

De acordo com a análise existencial o homem tem sua essência na dimensão noética, mas é estruturado em uma unidade e totalidade física – psíquica – espiritual. Essa análise tem como objetivo favorecer a percepção do homem, de que sua essência existencial é naturalmen-

te traduzida pela liberdade e responsabilidade. Quando Frankl afirma que o homem é um ser facultativo, livre para a escolha, para o decidir, para o descobrir o seu sentido na vida, ele está revelando o que se pode chamar de força obstinadora do espírito<sup>13,14</sup>.

A realidade existencial do homem que o distingue de todos os outros seres é a liberdade que se vincula com a responsabilidade e com a espiritualidade.

Precisamos, portanto esclarecer esses pontos que especificam e tornam o homem um ser ímpar. A espiritualidade tem o significado de “estar junto” ou “existir junto” e quando um ser exerce essa capacidade atinge a essência do ser espiritual, sua intencionalidade. O fato de o homem estar junto com outro é condição primordial para estar consigo mesmo. Por conseguinte o homem não existe para si mesmo, mas para doar-se, quando isso ocorre desvenda-se a espiritualidade<sup>13</sup>.

Outro ponto a ser esclarecido é a liberdade existencial que é revelada frente à autonomia espiritual do homem mesmo com sua dependência psicofísica. Ao exercer sua liberdade o ser humano transcende suas necessidades, assim fazendo está livre para acolher os significados que a vida proporciona. Ser livre é assumir uma postura frente ao social, físico e psíquico, transformando a possibilidade em ação<sup>11</sup>.

Por último, a responsabilidade inclui o “para quê” da liberdade humana. O homem é responsável por cumprir e realizar o sentido e os valores, a vida o indaga constantemente, podendo responder a ela com responsabilidade. Frankl esclarece que assumir a responsabilidade é o sentido da existência humana, portanto, a análise existencial contempla o senso de responsabilidade, pois preconiza a autonomia da existência espiritual<sup>15</sup>.

A análise existencial oferece meios para a compreensão do homem que foi lançado ao mundo e do conflito de enfrentamento de certas preocupações que fazem parte da existência do ser. Observa-se que na análise existencial o ser torna-se consciente de si mesmo, que por sua vez torna-se livre para responder à vida, através de atos, como ser responsável e concretiza nisto a espiritualidade, liberdade e responsabilidade, que são realidades existenciais.

## A LOGOTERAPIA E OS CUIDADOS DE ENFERMAGEM EM SAÚDE MENTAL

As mudanças ocorridas no paradigma da assistência de enfermagem em saúde mental favorecem o surgimento de novas formas de ver e abordar o indivíduo com transtorno mental. A Logoterapia constitui uma dessas formas. Por isso dispensamos atenção especial à sua utilização, fazendo inicialmente uma análise da prática de enfermagem em saúde mental e em seguida mostrando como a logoterapia pode ser aplicada pelo enfermeiro.

### A construção do campo da saúde mental

A atenção de enfermagem às pessoas em sofrimento psíquico tem seguido historicamente relacionada ora ao discurso hegemônico médico-psiquiátrico, ora aos reflexos das transformações ocorridas nas últimas décadas no campo da psiquiatria. Percebemos que esse tipo de relação acaba gerando um campo de contradições, no qual temos que construir uma prática mais comprometida com as necessidades de nossos clientes.

Essas relações de forma alguma podem ser naturalizadas, mas, antes, percebidas dentro de um contexto histórico perpassado por relações de poder pouco a pouco estabelecidas<sup>16</sup>.

É possível afirmar que historicamente o enfermeiro psiquiátrico assimilou acriticamente o discurso médico, legitimando-o enquanto saber hegemônico. O surgimento dessa categoria profissional aqui no Brasil se deu, como instrumento de efetivação do poder médico sobre a loucura. Para levar a cabo a tarefa de vigiar e punir fez-se necessário a presença de um profissional que estivesse em contato permanente com o louco, pois a vigilância contínua e o registro periódico são as principais estratégias de funcionamento desse poder e o enfermeiro, o perfeito executor dessas atividades<sup>17,18</sup>.

O saber da enfermagem dentro desse processo esteve sempre subordinado a algum poder hegemônico: à Igreja no período monárquico e ao poder médico no período republicano. Em ambas as situações, a assistência esteve orientada pelos mesmos princípios de exclusão social<sup>17</sup>.

Por volta da década de 1960, a Previdência Social passa a comprar leitos psiquiátricos em hospitais particulares, desencadeando, assim, uma verdadeira “caçada ao ouro”. A taxa de crescimento anual dos leitos psiquiátricos no Brasil entre 1976 e 1980 foi maior que a de qualquer outro país do mundo<sup>19</sup>.

Aproveitando a oportunidade histórica aberta pela crise, os atores sociais interessados em reestruturar a atenção em saúde mental no Brasil começam a se organizar. Essa mobilização culmina com a realização, em 1987, 1992 e 2001, das Conferências Nacionais de Saúde Mental, as quais possibilitaram a delimitação dos objetivos da reforma psiquiátrica brasileira atual que tem como principal referência a experiência Italiana e as idéias de desinstitucionalização de Franco Basaglia<sup>20</sup>.

Visando a superação do modelo hospitalocêntrico, são propostos serviços substitutivos para a atenção à pessoa em sofrimento mental. Entre as estruturas propostas podemos citar os Centros de Atenção Psicossocial- CAPS, o hospital-dia e a residência terapêutica, além da criação de leitos psiquiátricos em hospitais gerais para pacientes em crise, o atendimento ambulatorial e a inserção das ações de saúde mental na atenção básica.

Apesar da evolução das discussões acerca da reforma psiquiátrica, percebe-se que o grupo dos profissionais de enfermagem ainda enfrenta dificuldades com relação à delimitação das especificidades do seu papel e no desenvolvimento de suas atividades nas novas configurações da rede de atenção. O desafio é construir uma nova identidade desvinculada das amarras herdadas de seu passado manicomial.

O fato do enfermeiro estar trabalhando em serviços abertos cobra uma nova atitude desse profissional, pois ele não se encontra mais isolado do paciente pelas barreiras físicas e psicológicas impostas no manicômio.

Entretanto, vale ressaltar que a formação acadêmica atual nos diversos cursos de graduação em enfermagem parece não contemplar as necessidades de embasamento teórico e técnico para o exercício da atenção em saúde mental. A disciplina ocupa um espaço reduzido nos currículos, abordando apenas aspectos elementares. Esta tensão constante de ter que estar deparando com coisas novas, para as quais os enfermeiros não foram preparados,

leva, algumas vezes, a situações extremas, onde o nível de desgaste e ansiedade se tornam insustentáveis.

A inserção do enfermeiro nos novos serviços de saúde mental exige deste profissional que passe a atuar em conformidade com o novo paradigma, deixando a atitude de vigilância e controle assumindo a postura terapêutica. Cabe a ele repensar sua forma de ver o homem e seus cuidados.

A Logoterapia constitui-se um dos instrumentos possíveis para otimizar isso na prática do enfermeiro, não só na psiquiatria, mas nas suas diversas áreas de atuação, humanizando seus cuidados e potencializando sua ação terapêutica.

### **Logoterapia x enfermagem em saúde mental: interseções**

Entendemos que a apreensão dessa faceta subjetiva é possível por meio da concepção frankliana do ser humano. Ao perceber a dimensão espiritual de seus pacientes, o enfermeiro torna sua assistência mais efetiva e aumenta sua habilidade na identificação das necessidades daqueles submetidos aos seus cuidados<sup>21</sup>.

As principais funções do enfermeiro são: assistir indivíduos e famílias a prevenir ou enfrentar a tensão da doença e sofrimento; e assistir indivíduos e famílias a encontrar significado na doença e sofrimento, se necessário for<sup>21</sup>. Essas funções estão intimamente ligadas e encontram apoio no princípio defendido por Frankl de que o ser humano busca sempre o sentido para suas experiências como manifestação do humano na sua capacidade de transcender a si mesmo<sup>15</sup>.

O enfermeiro sabendo que ao interagir com seus pacientes tem o objetivo de ajudá-los a buscar um sentido específico para suas vidas e por fazer isso encontra nessa tarefa o seu próprio sentido para a vida.

Por intermédio da Logoterapia, embasada na análise existencial, o enfermeiro, ao realizar o relacionamento terapêutico com seus pacientes, consegue o alívio ou fim de sintomas, o autoconhecimento, proporciona o encontro do sentido de vida e do enfrentamento da tríade trágica, a saber: sofrimento, culpa e morte<sup>22</sup>.

A tarefa do enfermeiro, portanto, é ajudar o paciente, que não está conseguindo realizar sua existência em plenitude por estar limitado nas suas possibilidades, a compreender sua existência e a buscar o sentido de vida que o leva a encontrar caminhos, com a liberdade de escolher entre as possibilidades<sup>23</sup>.

De acordo com o referencial frankliano, o enfermeiro autotranscende no ato de cuidar quando encontra neste um sentido, ao transformar o sofrimento em realização humana e numa situação plena de sentido.

Ele busca em suas interações terapêuticas quer individual, quer grupais, ajudar os pacientes a enfrentarem suas dificuldades, procurando na instância lúcida, inatingível a sanidade latente.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao nos debruçarmos no referencial de Viktor Frankl, em sua Análise Existencial e na prática psicoterapêutica, a Logoterapia, percebemos que esta pode colaborar bastante com a produção do saber acerca do cuidado de enfermagem em saúde mental, pois ambos abordam o sofrimento humano direta e indiretamente.

A antropologia proposta por Frankl torna-se importante para o enfermeiro na compreensão do ser que está doente e que necessita de seus cuidados, evitando o reducionismo de uma visão apenas psicofísica, propiciando uma assistência integral, ressaltando a espiritualidade como parte indissociável dessa assistência. Vale salientar que, ao conceber o homem como ser espiritual é imperativo que o enfermeiro elabore intervenções para contemplar essa dimensão e suas necessidades, daí porque a Logoterapia pode ser usada como recurso terapêutico pelo enfermeiro.

Ao descrevermos os conceitos gerais da Logoterapia mostramos a que se propõe essa escola psicoterapêutica, de que forma ajuda as pessoas a enfrentarem seus problemas e os meios que utiliza para superá-los. Tendo isso em mente o enfermeiro pode fazer uso em suas atividades, instrumentalizando e sistematizando sua assistência com base nas propostas da Logoterapia, mantendo sua especificidade profissional.

A inter-relação da Logoterapia e a prática de enfermagem em saúde mental é claramente observável na medida em que o enfermeiro favorece a busca e o encontro do sentido da vida e do sofrimento dos seus pacientes e ao realizar tal tarefa ele próprio encontra o sentido de sua vida, por autotranscender-se e insistentemente maximizar sua função terapêutica por ir ao encontro da parte inatingível do ser, o seu espírito.

## REFERÊNCIAS

1. Oliveira FB. Construindo saberes e práticas em saúde mental. João Pessoa: UFPB / Ed. Universitária; 2002.
2. Amarante P. Loucos pela vida – A trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil. 2<sup>th</sup> ed. Rio de Janeiro: Fiocruz; 1995.
3. Cavalcante TF, Guedes NG, Moreira RP, Guedes TG, Araújo MAM. Nursing care at new mental health services experience report. Online Braz J Nurs [serial online] 2006 apr [acesso 2008 set 19]; 5(1): Disponível: <<http://www.uff.br/objnursing/viewarticle.php?id=153>>.
4. Stuart GW, Laraia MT. Enfermagem psiquiátrica – princípios e prática. 6<sup>th</sup> ed. Porto Alegre: Artmed; 2001.
5. Araújo MAM, Silveira LC. A saúde mental no município de Maranguape: aspectos epidemiológicos da população atendida no PSF. Rev. Rene 2006 set/dez; 7(3):26-34.
6. Frankl VE. Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração. 2<sup>th</sup> ed. Petrópolis: Vozes; 1991.
7. Lukas E. Psicologia espiritual: fontes de uma vida plena de sentido. São Paulo: Paulus; 2002.
8. Gomes JCV. Logoterapia: a psicoterapia existencial humanista de Viktor Emil Frankl. São Paulo: Loyola; 1992.
9. Frankl VE. A presença ignorada de Deus. 2<sup>th</sup> ed. São Leopoldo/ Petrópolis: Sinodal/ Vozes; 1992.
10. Rodrigues R. Fundamentos da logoterapia: na clínica psiquiátrica e psicoterapêutica. Petrópolis: Vozes; 1995. v. 3
11. Frankl VE. Logoterapia y análisis existencial: textos de cinco décadas. 2<sup>th</sup> ed. Barcelona: Herder; 1994.
12. Fizzotti E. De Freud a Frankl. Navarra: EUNSA; 1977.
13. Bono HM. Analisis existencial. Buenos Aires: ECUA; 1982.
14. Lukas E. Logoterapia a força desafiadora do espírito: métodos de logoterapia. São Paulo: Loyola; 1989.
15. Frankl VE. Sede de sentido. São Paulo: Quadrante; 1989.
16. Amarante P. Asilos, alienados, alienistas: uma pequena história da psiquiatria no Brasil. In: Amarante P. Psiquiatria social e reforma psiquiátrica. Rio de Janeiro: FIOCRUZ; 1994.
17. Silveira LC. Equipe de saúde mental: sociopoetizando o hospital-dia. [dissertação]. Fortaleza: Departamento de Enfermagem, Universidade Federal do Ceará; 2001.
18. Miranda CML. O parentesco Imaginário: história e representação social da loucura nas relações do campo asilar. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ; 1997.
19. Delgado PG. Reforma psiquiátrica: Bem-estar e cidadania. Boletim Pela Vida 28 [Online], Apr 1997 Disponível: [www.pelavidda.org.br/public3.htm](http://www.pelavidda.org.br/public3.htm)
20. Lima A. E. Habitando um paradoxo. Cad Subjet 1996; 4(1):162-75.
21. Travelbee J. Intervención en enfermería psiquiátrica: el proceso de la relación de persona a persona. Cali: Carvajal; 1979.
22. Stefanelli MC. Comunicação com paciente – teoria e ensino. São Paulo: Robe; 1993.
23. Vietta EP. Elaboração do processo de enfermagem com base no marco conceitual para a prática de enfermagem social. [tese de Livre Docência]. Ribeirão Preto (SP): Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 1986.

RECEBIDO: 21/05/2008

ACEITO: 14/10/2008